

“¿Y ahora cómo vivo yo?”

Reflexões de Eumara Maciel dos Santos¹ sobre as experiências vivenciadas durante a Escola de Estudos Avançados “Diálogos Etnicorraciais: África, América, Europa”, 27 de novembro - 2 de dezembro de 2017, Universidad del Valle, Cali, Colômbia

“¿Y ahora cómo vivo yo?” Essa frase é mais do que um refrão captado na primeira saída de campo da Escola de Estudos Avançados Diálogos Etnicorraciais: não me sai dos ouvidos a voz daquela senhora cantando, na Associação Casa Cultural o Chontaduro, a experiência do desterritório das famílias que, ao serem expulsas da zona rural, buscam seu entre-lugar ali numa das comunas do distrito de Aguablanca, zona oriental de Cali, que abriga o maior índice populacional negro e indígena da urbe. Portanto, Aguablanca, antes de qualquer coisa, hoje, é como um quilombo urbano construído pela representação da história da colonização da América Latina. Sim, a colonização, o tráfico negreiro e a escravização nos formaram como nós somos... Afrodescendentes, carregamos a ancestralidade, a história dos nossos. E é nesse sentido de retomada de consciência histórica e cultural que a referida associação trabalha na comunidade, de modo a promover ações com jovens e adultos que ativem o senso crítico e autocrítico enquanto buscam soluções coletivas para as problemáticas enfrentadas local e globalmente.



O chontaduro, uma fruta característica do Pacífico colombiano

Afinal, como viveremos nós? Eu vim embora da Colômbia com o eco desse canto: como viver na cena da desterritorialização? Vim buscando respostas nas discussões teóricas para atender ao que me fez remontar, não só uma memória do desterritório dos camponeses, mas também a memória de uma diáspora que não cessa; um desenraizamento não só das terras do interior, mas um símbolo maior de uma diáspora novamente forçada, suas violentas e dolorosas demandas como que em um ciclo de desigualdade que se cumpre a cada geração sem muitas reparações.

¹ *Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, Graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, Secretária Executiva na Universidade Federal do Oeste da Bahia.*

Para toda essa inquietude gerada nessa Escola de Verão, atravessei o céu do Brasil para aterrissar no Vale do Cauca e conhecer aquela parte da Colômbia, começando por Cali. A Universidade do Vale foi palco para as conferências, mesas temáticas e painéis de discussão, abordando os mais diversos temas, tais como: ser negro, ser negra na América Latina. Como estudar raça na América Latina com todas as variáveis. A importância dos mapeamentos, mesmo que por amostragem dos censos para a mensura das demandas, os impactos e influências nas vidas das pessoas para o desenvolvimento de políticas públicas, pensando oportunidades específicas para populações com necessidades. Estratégias antirracistas, abordagem interseccional das desigualdades, entre tantos outros com olhares antropológicos, sociológicos, literários, filosóficos, geográficos e históricos.



Música de marimba do Pacífico colombiano, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade

Somadas a essas atividades, estavam mais duas saídas de campo: uma para Buenaventura e outra para Santander de Quilichao. Em Buenaventura, conhecemos a zona portuária que, arremessada ao Oceano Pacífico, tem sua história com a recepção de corpos, experiências e culturas através do tráfico negreiro. Conhecemos a oficina de instrumentos musicais e almoçamos ao som da marimba tocada pelos alunos que a confeccionavam e a afinavam. Além de visitar a exposição Partería, saber ancestral e prática viva, no Centro Cultural de Buenaventura, tivemos o prazer de ouvir as integrantes da associação comunitária de parteiras de Buenaventura ao imergir num universo de saberes tradicionais de mulheres de grande parte da costa pacífica colombiana que se reuniram no sentido de fortalecer sua prática cultural, essa memória viva que atravessa gerações e tonou-se patrimônio cultural mesmo frente aos impasses com a medicina de hospitais. Um exemplo de respeito ao corpo da mulher e do bebê, seu tempo, o espaço que ocupa, os cuidados com a alimentação, com a espiritualidade, respeitando os limites da gestação num ato gratuito no acompanhamento da gestante antes, durante e depois do parto. Aprendi muito com esse saber tradicional de cuidado com o outro.



Os participantes da Escola de Estudos Avançados em diálogo com as parceiras de Buenaventura

Em Santander de Quilichao, fomos conhecer a Associação Regional para o Desenvolvimento Campesino Nortecaucano, que funciona na Escola Verde. Reunindo produtores voltados para a agropecuária, a associação tem como objetivo implementar e capacitar para produção com fins nos convênios de comercialização com as indústrias. Nesses moldes, conseguem financiamentos específicos, têm acesso à assistência técnica e fazem escoar com maior estabilidade a sua produção nessa dinâmica cooperativa. Fomos levados para observar as etapas da produção marcadamente rudimentar do almidón de yuca, para nós, a tapioca, desde a chegada da mandioca até a retirada do almidón para o comércio. Foi um momento instigante ver como somos próximos nesses modos de produção mesmo estando geograficamente distantes. Estamos mesmo conectados uns aos outros; é importante que fiquemos atentos para a troca de experiências.



Os participantes da Escola conhecendo a associação ARDECAN no norte de Cauca

Em meio a todas essas atividades, passamos oito dias com intensivas empreitadas pelas questões etnicorraciais na África, América e Europa. Desde as falas formais até as prosas no café da manhã, experiências teóricas, práticas, linguísticas, culturais, gastronômicas e interpessoais foram exercitadas na convivência de pesquisadores e pesquisadoras com perspectivas da Colômbia, Moçambique, Angola, Alemanha, Brasil, Equador, Venezuela, Senegal, Inglaterra, Estados Unidos, França, Camarões, República Tcheca... E, apesar dos diferentes lugares de fala, as referências se comunicam, não são isoladas.

Línguas diversas, uma linguagem em comum: a vontade de aprender nos uniu. Em espanhol, em inglês, em alemão, em português, no encontro dessas línguas discutimos diversas perspectivas sobre as relações etnicorraciais. Também não haviam barreiras linguísticas quando ríamos juntos a caminho da Univalle ou no jantar no Depeapan.

Na dinâmica da identidade/diferença, o que saltou aos meus olhos foi o modo como estamos interligados em matéria de história aos demais países latinos, à Europa, à África, isso para dizer que não estamos isolados nas problemáticas e discussões, estamos, sim, unidos em grandes constantes como contra o etnocentrismo, com ações antirracistas, na defesa dos territórios e na urgência de políticas públicas que levem em considerações as demandas etnicorraciais dos povos.

De Cali, voltei tocada pelo som da marimba, pelo ritmo da salsa, o gosto do run, o ímpar sabor do suco de lulo, o doce do manjar branco, o calor na caminhada até a Univalle, a inquietude por cada fala. Volto também tocada pela gratidão ao Pós-Afro/UFBA, à Univalle e à Universidade de Bayreuth pela oferta desse encontro. E sobretudo, quando voltava para o Brasil naquele avião, fui tocada por todas as experiências em solo colombiano sempre com o alerta da necessidade de agendas de ações com a abordagem eticorracial; precisamos de prática, já que as discussões já são realizadas. Precisamos admitir que as populações negra e indígena são alvos de genocídios e epistemicídios... Jovens negros morrem enquanto escrevo este relato, por exemplo.

E quanto ao eco persistente daquele canto desde Aguablanca, pensei daqui de longe: Como vivemos nós? Viveremos a reinvenção da nossa existência que exige luta, resistência e fortalecimento de redes. E esse movimento foi realizado na Escola de Estudos Avançados Diálogos Etnocorraciais: África, América e Europa, entre saberes e sabores caleños. É, eu já estou em casa, mas todas as discussões ainda estão muito vivas na minha mente, Cali ainda está aqui dentro de mim, porque a gente parte dos lugares, mas as experiências não se vão de nós, portanto, ajamos!



A autora Eumara Maciel dos Santos